

Benção e sacrifício na teoria de Marcel Mauss em contexto religioso

VALENTINA DA SILVA DIAS PEREIRA*

ANTONIO RENALDO GOMES PEREIRA**

Resumo: Este artigo explora a relevância da teoria de Marcel Mauss sobre dádiva e sacrifício na compreensão do contexto religioso contemporâneo. Inspirado nos conceitos de Dádiva e Sacrifício e nas ideias de Mauss sobre o papel social e simbólico dos rituais de troca, o estudo analisa como as práticas religiosas modernas incorporam elementos de benção e sacrifício. A pesquisa destaca a continuidade e adaptação desses conceitos, examinando como as tradições religiosas se manifestam nas sociedades contemporâneas. Neste intuito, realizamos um levantamento da literatura a respeito de diferentes religiões e suas práticas. Ao integrar a teoria de Mauss com as expressões religiosas contemporâneas, o estudo oferece uma perspectiva enriquecedora sobre a complexidade das práticas religiosas e sua relevância na sociedade moderna.

Palavras-chave: Antropologia da Religião, Dádiva, Rituais, Tecnologia.

Blessing and sacrifice in Marcel Mauss's theory in religious context

Abstract: This article explores the relevance of Marcel Mauss's theory of gift and sacrifice in understanding the contemporary religious context. Inspired by the concepts of Gift and Sacrifice and Mauss's ideas on the social and symbolic role of exchange rituals, the study analyzes how modern religious practices incorporate elements of blessing and sacrifice. The research highlights the continuity and adaptation of these concepts, examining how religious traditions manifest themselves in contemporary societies. In this sense, we conducted a literature survey on different religions and their practices. By integrating Mauss theory with contemporary religious expressions, the study offers an enriching perspective on the complexity of religious practices and their relevance in modern society.

Key words: Anthropology of Religion; Gift; Rituals; Technology.



* VALENTINA DA SILVA DIAS PEREIRA é Mestra em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Bolsista CAPES).



** ANTONIO RENALDO GOMES PEREIRA é Doutorando em Antropologia no PPGA/UFPB.

Introdução

Marcel Mauss, em sua obra seminal *Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, publicada pela primeira vez em 1923, desenvolveu uma teoria que destaca a importância dos rituais de troca e reciprocidade em sociedades tradicionais. Sua análise sobre a dádiva como uma obrigação social revela a complexidade das relações sociais e econômicas.

A teoria cunhada pelo autor tem grande repercussão na Antropologia e na Sociologia, dado que sua aplicabilidade perpassa diversos âmbitos da sociedade. A partir dela, é possível compreender como as interações de grupos sociais podem ser dotadas de interesses mútuos e, por vezes, ocultos. Compreender o conceito de dádiva é estar preparado acerca dos possíveis interesses imbuídos nas atividades que se realizam em torno do ato de dar ou receber algo. Em dadas ocasiões, esse circuito de trocas mantém todo um sistema de sociabilidades.

Em um contexto em que o individualismo e a racionalidade costumam prevalecer, com a forte presença do capitalismo, de leis, normas e burocracias, persiste aquilo que outrora Max Weber, em *Economia e Sociedade*, denominou de dominação tradicional, caracterizada pela obediência à custa da tradição e da moral estabelecida. A religião, logo, se mantém na consciência coletiva, todavia, se moldando às novas demandas da modernidade. Nos questionamos, portanto, como as inovações nas práticas rituais e os novos significados atribuídos aos rituais de bênção e sacrifício podem ser compreendidos a partir das dinâmicas de

dádiva, obrigação e reciprocidade da teoria de Marcel Mauss?

Objetivamos apresentar as contribuições das teorias de Dádiva e Sacrifício desenvolvidas por Mauss para refletir sobre as noções de bênção e sacrifício nas religiões na contemporaneidade. Exploraremos como essas teorias podem ser aplicadas ao contexto religioso contemporâneo, com especial ênfase nas ideias de bênção e sacrifício expressas conforme as particularidades de cada religião.

Metodologicamente, exploramos os relatos que envolvem as noções de bênção e sacrifício alinhadas às teorias de Dádiva (MAUSS, 2003) e Sacrifício (HUBERT; MAUSS, 2005). Para o desenvolvimento da reflexão inicial, nos apoiamos nos conteúdos publicados em teses, artigos científicos que apresentem teorias, relatos e vivências que se alinham à proposta, já que para Mauss (2003) a dádiva é um sistema de troca, no qual se estabelece uma relação de dependência tanto para quem doa quanto para quem recebe, haja vista, que o *mana* contido na coisa ofertada possui um caráter inalienável, o que faz a vinculação ser mantida.¹

1. Bênção e reciprocidade alinhadas à teoria de Mauss

A dádiva diverge em alguns aspectos à troca mercantil, ao se relacionar com a moral e a ética, caracterizando-se por doação, recebimento e retribuição. Nesse ínterim, “[...] as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros” (MAUSS, 2003, p. 263). A diferenciação da troca utilitarista ocorre por não se tratar de relações entre indivíduos, mas entre coletividades as quais mantêm

¹ Nossos sinceros agradecimentos à Professora Dra. Joalice Santos Conceição pelas contribuições e revisão final.

prestações recíprocas (SABOURIN, 2008). A dádiva é um item indispensável para a troca simbólica, se fundando em um interesse na manutenção de vínculos sociais como um fim em si, explicita Lichtblau (2017).

Por conseguinte, Marcel Mauss, em *Ensaio sobre a dádiva*, disserta sobre o sistema das prestações totais, em que indivíduos trocam presentes, os quais são, aparentemente, despretensiosos, mas carregam consigo a obrigatoriedade de serem retribuídos. O presente, ou o ato de presentear, a princípio, apresenta uma voluntariedade por parte do agente, que estaria dando algo desobstruído de qualquer tipo de prevenção ou exigência; no entanto, as ações que compõem a dádiva imbuídas de obrigações e interesses.

A concepção de dádiva extrapola o campo das ideias propagadas pelo senso comum. Consoante a Mauss, a dádiva se caracteriza por ter um sentido de organização social e de cunho universal, não podendo esta ser reduzida a tradução literal da palavra, com particularidades religiosas ou econômicas (MARTINS, 2005). A ideia de dádiva trata-se, em primeiro lugar, de “um vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. Donde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si. Em segundo lugar, fica mais clara a natureza mesma da troca por dádivas, de tudo aquilo que chamamos prestações totais” (MAUSS, 2003, p. 200).

Estabelece-se, em vista disso, um contrato entre indivíduos que realizam diversos tipos de trocas, não apenas com fins econômicos, como bens e riquezas, mas também “amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem

mais geral e bem mais permanente” (MAUSS, 2003, p. 191).

Entende-se, portanto, que as permutas são feitas com bens materiais e imateriais. Neste contexto, “Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 2003, p. 201-202), inclusive com os seres sobrenaturais.

Esta troca carrega consigo uma razão moral e religiosa que obriga a retribuição do presente recebido. Nesse sistema, tal fato ocorre, pois o ato de aceitar algo de outrem significa também aceitar a sua espiritualidade, criando um vínculo perigoso e mortal. A ameaça é resultante do valor moral, físico e espiritual do bem, móvel ou imóvel, entregue. Nesse sentido, como expõe Mauss (2003), há uma universalidade na tríplice obrigação de dar, receber e retribuir, visto que “a prestação total não implica somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas supõe duas outras igualmente importantes: obrigação de dar, de um lado, obrigação de receber, de outro” (MAUSS, 2003, p. 201). A obrigação de retribuir algo, conforme o autor, se ampara na ideia de que o presente é imbuído de uma energia espiritual que dentre as conveniências é necessária a retribuição.

A universalidade desta teoria é demonstrada pela presença de um sistema de reciprocidade que pode ocorrer em diferentes sociedades, sejam tradicionais ou modernas. A obrigatoriedade da dádiva, ou do dom, é um fenômeno total que atravessa a totalidade da vida social, ao passo que todas as trocas perpassam a vida dos indivíduos e exercem um papel na sociedade em que ele está presente

(MARTINS, 2003). “Tudo² vai e vem como se houvesse troca constante de uma matéria espiritual que compreendesse coisas e homens, entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre as funções, os sexos e as gerações” (MAUSS, 2003, p. 203). Logo, negar-se a receber é equivalente à recusa de uma aliança ou comunhão e a troca gera um vínculo de alma entre os participantes que obtêm prestígio social, reforçado a partir da coletividade.

Mauss (2003) argumenta que a dádiva não é apenas um ato de generosidade, mas uma forma de criar e manter laços sociais. Neste contexto, a reciprocidade é crucial, e as dádivas são investidas de uma obrigação de retorno. Essa perspectiva lança luz sobre as transações sociais e econômicas em sociedades tradicionais, mas como ela pode ser aplicada à compreensão das práticas religiosas contemporâneas?

No contexto religioso, a bênção pode ser entendida como uma dádiva dos deuses, antepassados, entidades, encantados ou espíritos dos mortos. Indivíduos buscam bênçãos como expressões de favorecimento divino, e ao recebê-las, sentem-se compelidos a retribuir mediante devoção, obediência ou serviço. Erroneamente, produz-se a crença de que os deuses têm de ser comprados. Assim, as ofertas são realizadas na expectativa de receber algo

em troca. Neste contexto, a teoria formulada por Mauss fornece uma estrutura teórica que nos ajuda a entender as bênçãos religiosas como fenômenos que ultrapassam a ideia de presentes unilaterais, gerando uma obrigação de reciprocidade. A bênção religiosa, é por assim dizer, elemento de ligação ou dependência entre os invisíveis e os visíveis.

Como modelo ilustrativo para a análise, evidenciamos o pulsar as formas religiosas manifestas no Brasil, o Dia de Cosme e Damião³, comemorado no dia 27 de setembro, é um ritual religioso que compreende devoção e reciprocidade entre praticantes e entidades. Nesta data, doces, balões e brinquedos, caruru, dentre outros elementos que evocam as cenas infantis, são ofertados aos as crianças gêmeas, com o intuito de agradecer, afirmar ou reafirmar um vínculo entre os ofertantes e as entidades. A atividade constitui-se como uma forma de produzir um novo contrato de dádiva em um cenário repleto de devoções sincréticas amplamente difundidas e em constante transformação.

Na cidade do Salvador, onde este costume é bastante expressivo, rezam missas em homenagem aos santos na Igreja de São Cosme e Damião, situada no bairro da Liberdade, por exemplo. Similarmente, na perspectiva do

² Nesta perspectiva, o termo refere-se a “tudo, alimentos, mulheres, filhos, bens, talismãs, solo, trabalho, serviços, ofícios sacerdotais e funções, é matéria de transmissão e de prestação de contas” (MAUSS, 2003, p. 203).

³ Cosme e Damião são personagens-crianças cultuadas nas diferentes formas religiosas no Brasil. No catolicismo, os Santos-gêmeos são conhecidos por exercerem a medicina de forma gratuita, assim, são considerados protetores das crianças. Já dentro dos cultos religiosos de matrizes africanas, os santos são divindades crianças ou erês que possuem grande por de cura.

Deste modo, importar destacar que Cosme e Damião, embora seja crianças não possui equivalente ao erê do orixá, isto, todo orixá possui um espírito de criança que é invocado em determinadas circunstâncias. De igual modo, nem todas as casas de candomblé ou umbanda realizam festa em devoção a Cosme e Damião, à medida que há terreiros consideram as homenagens aos gêmeos, uma tradição católica, ainda que tais personagens não sejam oficialmente aceitos pela igreja católica. O culto se insere como devoção popular.

candomblé, a celebração converte-se em um dia de comida farta, rezas e tradição (DIAS, 2014). Entre as práticas mais comuns está o Caruru de Sete Meninos, também conhecido como “caruru de promessa”, que consiste em preparar e servir em uma tigela para os orixás (ou santos), posteriormente organiza-se uma roda com sete meninos e os devotos os servem. Estas crianças comem levando os alimentos à boca com as mãos, sem o auxílio de qualquer tipo de talher e, após satisfeitos, as outras pessoas presentes podem degustar as iguarias.

A comensalidade do caruru⁴ é, em si, uma forma de prestigiar, agradecer ou pedir, pois no ato reúnem-se homens e entidades. A prática corrobora com a teoria do antropólogo, no sentido de que a ação não é uma prestação puramente livre e gratuita, tampouco puramente interessada, mas um misto dessas relações que se complexificam nas sociedades (MAUSS, 2003). Assim, pode-se compreender a realização de promessas no âmbito religioso, em que se faz uma doação com o intuito de receber algo como contrapartida. Este ato, é, sem dúvidas, um exemplo de troca em que o interesse está explícito, e sua realização está presente em diversas religiões.

Neste sentido, as trocas são realizadas entre homens em contextos rituais contratuais e econômicos, contudo não se limitam a eles, a permuta também se pratica entre homens e deuses, entidades e espíritos dos mortos através de seus representantes por meio do transe. “As relações desses contratos e trocas entre homens, e desses contratos e trocas entre homens e deuses, esclarecem todo um aspecto da teoria do Sacrifício” (MAUSS, 2003, p. 205). Assim, a

benção religiosa pode ser considerada como uma dádiva, já que exprime o sentimento de relação de dependência, de reciprocidade.

2. Formas de sacrifício na contemporaneidade

O sacrifício se caracteriza pelo ato de fazer uma doação, estando para além de objetos e coisas. “Essas trocas e esses contratos arrastam em seu turbilhão não apenas homens e coisas, mas os seres sagrados que estão mais ou menos associados a eles” (MAUSS, 2003, p. 205). Assim, comprometer seu tempo na realização de uma atividade religiosa, privar-se da fala oferecendo o silêncio aos antepassados ou entidades, cumprir uma função ou determinado trabalho que exija esforço em um espaço sagrado a fim de atender a uma demanda do Sagrado pode ser considerado uma forma de sacrifício.

Retomando exemplos históricos, pode-se encontrar as mais diversas formas de sacrifício nas sociedades humanas, tal qual atos de penitências, martírios e ceifamento da vida. No sistema organizatório e religioso dos indígenas Tupinambá do século XVI, o sacrifício aparecia como uma maneira de suprir o desejo canibalístico das divindades ou dos ancestrais, recuperando a integridade da coletividade e criando uma relação de obrigações. A guerra e a morte exerciam papel central para a manutenção da sociedade e para o equilíbrio social (AGNOLIN, 2002).

De acordo com Fernandes (2006, p. 370), “[...] enquanto o desejo canibalístico das divindades ou ancestrais míticos não fosse satisfeito, as parentelas sobre as quais caíam tais obrigações se viam sujeitas a perigos que

⁴ O caruru é uma comida típica de origem africana que utiliza o quiabo como ingrediente principal.

só podiam ser evitados através da consumação do sacrifício sangrento”. Consequentemente, o sacrifício era uma obrigação realizada visando manter o equilíbrio social.

Como expõe Tenreiro-Bermúdez e Moya-Maleno (2018), ainda no século XIX, era costume em alguns locais da Bretanha e França a utilização de sangue de um animal em fundações de casas e igrejas. De maneira similar, era comum, na Irlanda e nas Ilhas Britânicas, o enterramento de crânio de animais dentro de muros ou sob o chão para trazer boa sorte ou visando sua proteção contra o mal.

Em *Sobre o sacrifício*, Mauss e Hubert (2005) relacionam o termo sacrifício com a ideia de consagração, afirmando que durante qualquer sacrifício um objeto transita do domínio comum para o domínio religioso, assim, entende-se como sacrifício, “[...] um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa” (MAUSS e HUBERT, 2005, p. 19). Este ato é praticado pelo "sacrificante", podendo ser um indivíduo ou uma coletividade, deste modo, o objeto do sacrifício serve como meio entre o sacrificante e a divindade endereçada.

Por conseguinte, Mauss e Hubert (2005) distinguem os sacrifícios entre os pessoais, em que a individualidade do sacrificante se afeta diretamente com a ação, e os objetivos, em que objetos, sejam reais ou ideais, recebem de modo imediato a ação sacrificial.

O sacrifício, por sua vez, pode ser interpretado como uma forma extrema de reciprocidade, no contexto religioso. Ao oferecer algo significativo, seja material ou simbólico, os crentes⁵ buscam estabelecer uma relação mais profunda com o divino. Nesse ínterim, a “destruição sacrificial tem por objetivo ser, precisamente, uma doação a ser necessariamente retribuída”. “Não é somente para manifestar poder, riqueza e desprendimento [...]. É também para sacrificar aos espíritos e aos deuses, em verdade confundidos com suas encarnações vivas, os portadores de seus títulos, seus aliados iniciados” (MAUSS, 2003, p. 206). A teoria de Mauss, portanto, destaca como o sacrifício cria uma obrigação de resposta, seja na forma de proteção divina, orientação espiritual ou outras bênçãos.

No que diz respeito à alimentação, o sacrifício pode ser realizado ao evitar consumir animais impuros. A carne bovina no hinduísmo, a carne suína no judaísmo e as carnes vermelhas evitadas durante a Semana Santa pelos cristãos que adotam o consumo de peixe como apropriado para celebrar a Páscoa. Os tabus alimentares estão presentes nas mais diversas formas religiosas, crenças e manifestações do sagrado. Preservar a pureza é uma condição de manter-se longe do perigo, pois, a impureza é uma ofensa contra a ordem, e a sua eliminação é um esforço positivo de organizar nosso meio, relata Douglas (1991). Isto posto, a guarda do tabu religioso assinala o compromisso dos devotos com o Transcendente, mantendo-se em pureza ao rejeitar o interdito.

⁵ O termo crente é usado no decorrer do texto para indicar indivíduos ou grupos que acreditam em algo.

No Candomblé, o sacrifício é parte da oferenda ou constitui-se ele próprio em oferta votiva. No ato, se entrega a vida do animal como dádiva a fim de estabelecer a ordem social, assim, o animal passa do estado de “vítima” a objeto comunicante por meio de um ritual simbólico (DIAS, 2019). Esta ação tem como fim a sacralidade do animal e costuma ocorrer em grandes festividades aos Orixás, comenta Dias (2019). Para Mauss, “a destruição sacrificial tem por objetivo ser, precisamente, uma doação a ser necessariamente retribuída” (2003, p. 206). Entende-se, portanto, que o ato sacrificial nutre as divindades e a retribuição pelo ato é certa.

Outrossim, diversas religiões utilizam do jejum e da abstinência visando a aproximação divina. No cristianismo é comum o ato de jejuar, juntamente a oração para pedir auxílio a Deus. Entende-se que o “não-fazer” também é um indicativo de dádiva, resultando no desejo e na obrigatoriedade de uma contrapartida que pode caracterizar-se como bênçãos, dentre as quais uma graça alcançada, o perdão por um pecado cometido ou a realização de um pedido para si ou para outrem podem estar incluídos.

Entre os participantes do islamismo há o rito do Ramadan, uma prática realizada uma vez por ano durante 40 dias, consoante o calendário muçulmano. Nesse período, há a prática do jejum e da abstinência de coisas consideradas ruins, prevalecendo apenas a caridade, bondade, fraternidade e fortalecimento da fé através da disciplina. É, portanto, [...] “um ato de obrigação, é necessário que o fiel se prive do uso de bebidas alcoólicas, alimentação, sexo ou tabaco para que essas práticas não influenciem a relação do fiel com em sua adoração com o sagrado” (RAMOS, 2021, p. 13).

O sacrifício pode ser feito a partir da doação de bens materiais. Na contemporaneidade, o dinheiro é a forma mais comum, principalmente nas religiões cristãs onde o dízimo e as ofertas são ações corriqueiras. O significado deste termo se correlaciona com o contexto bíblico, denotando a “décima parte” de tudo aquilo que o indivíduo possuía e produzia. No entanto, sua definição passou por diversas transformações ao longo dos séculos, observando-se dentre as menções mais antigas, o texto bíblico: “E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo”, inserido no livro de Gênesis 14:20 e, posteriormente, na Legislação Mosaica (VELIQ, 2019).

Como expõe Veliq (2019), a função social do dízimo visava o bem-estar da população participante da comunidade religiosa. Todavia, houve transformações no que condiz o seu cumprimento. Hodiernamente, com o avanço das religiões neopentecostais, a doação de dinheiro à igreja e a compra de objetos consagrados e abençoados, com fins de receber bençãos, tornou-se frequente. Nessa perspectiva, o dinheiro se torna mediador das relações entre o indivíduo e o sagrado (GABATZ, 2012).

Baseando-se na Teologia da Prosperidade, em que o sucesso financeiro é tido como resultado de ação divina e a doação vista como forma de aumentar a prosperidade, o neopentecostalismo se difunde na sociedade brasileira. Elucidando este conceito, a Teologia da Prosperidade se baseia na ideia de que todos são filhos de Deus e, por isto, recebem a benção divina em forma de riqueza, livramentos de tragédias, saúde e sucesso. Por conseguinte, o sofrimento aparece como

evidência de falta de fé (GABATZ, 2012).

Como resultado, a pobreza é associada à carência de fé e ao distanciamento com Deus. Isto posto, o dízimo é empregado como uma dádiva, em que o fiel realiza sua doação esperando receber em troca riqueza e ajuda espiritual. Gabartz (2012) relata como na Igreja Internacional da Graça de Deus a falta de doação por parte de um fiel significa a consequente ausência da graça espiritual divina, pois [...] “só tem o direito de cobrar de Deus aquele que é honesto com suas doações” (p. 127). A associação do indivíduo à instituição religiosa é também uma conversão ao dinheiro e a lógica utilitarista institucional (DA SILVA, 2004), no sentido de que a fé é expressa através do dízimo, elemento central.

Do ponto de vista de Da Silva (2004), no caso do neopentecostalismo, o dinheiro é um tipo de sacrifício maior, em que os fiéis renunciam e oferecem em busca de bênçãos e salvação. Os fiéis, destarte, demonstram sua crença através dessa troca, em que a doação do dízimo é um ato simbólico, imbuído de fé, compromisso e significado para com o seu Deus.

Dentre as ofertas votivas que caracterizam o sacrifício, existe uma menos explorada, mas igualmente significativa. A tradição de oferecer o silêncio como um presente divino pode ser encontrada em religiões como o hinduísmo, por exemplo. A prática do "Mauna" envolve o voto de silêncio, onde os devotos se abstêm de falar por

um período determinado, buscando a purificação da mente e a comunhão silenciosa com o divino (GONZÁLEZ, 2017). Da mesma forma, no cristianismo, a contemplação silenciosa é valorizada como um caminho para ouvir a voz de Deus, transcender a agitação do mundo e mergulhar na espiritualidade interior.

O silêncio como oferenda religiosa ou atividade que se realiza no âmbito do sagrado é mais do que a simples abstenção de palavras, é uma jornada interior, um mergulho nas profundezas da consciência do sujeito. Ao se calar, os crentes buscam transcender as limitações da linguagem verbal e alcançar uma comunicação direta com o divino, que muitas vezes transcende as barreiras da linguagem humana. O silêncio torna-se, assim, uma linguagem espiritual universal, compreendida pelo âmag do ser.

Em comunidades do continente africano e em sua diáspora, existe a valorização do silêncio, em contraposição, a fala é vista como perigosa, alerta Rocha (2000). Desse modo, o retraimento é um ensinamento que se aprende gradualmente. Quando não ocorre a partir do convívio em sociedade, é impulsionado pela iniciação ritualística. Dentre estes rituais, no Brasil, tem-se a obrigação das "Águas de Oxalá", homenageando o Orixá. Essa cerimônia tem duração de dez dias, ocorrendo na última quinta-feira do mês de setembro. Assim, todas as pessoas têm o dever de se manter em silêncio após a meia-noite do primeiro dia, quando as pessoas dão um bori⁶; o não-falar procura evitar

⁶ Bori –palavra de origem iorubana, formada pelos termos *Bó* que significa “oferenda ou comida” e *Ori* que designa cabeça. Assim, a palavra pode ser traduzida como “oferenda ou comida para a cabeça”. O ritual praticado nos candomblés, consistindo em um rito festivo, no

qual são oferecidos diversos alimentos e ingredientes a fim de fortalecer a cabeça e o corpo. Tal ato pode ocorrer em diversas situações na vida de uma pessoa iniciada ou até mesmo de não iniciada. Contudo, para muitos pais e mães

colocar em risco o equilíbrio da obrigação, da casa e da vida dos filhos, cessando somente na madrugada seguinte, após buscarem água para se colocar em Oxalá (ROCHA, 2000).

Independente da forma religiosa adotada pelos indivíduos, a oferta do silêncio costuma ser realizada, destacando-se entre os exemplos mais comuns relacionados a este tipo de sacrifício, aqueles momentos nos quais um minuto de silêncio é oferecido em homenagem a alguém ou alguma causa. Esse momento eleva nossas consciências e nos permite emitir uma energia diferenciada, ao passo que a privação consciente dos sons se torna a chave para concentrar nossas energias para alcançarem o fim proposto.

Em um mundo onde o ruído é constante e as distrações são abundantes, abdicar da fala e da interação verbal pode ser desafiador ao ponto de ser considerado uma forma de sacrifício. Neste sentido, a renúncia é vista como uma expressão de humildade e entrega ao transcendente. Ao silenciar a voz exterior, os devotos buscam ouvir a voz interior da alma e se render à presença do sagrado.

Nas diversas formas de dar ou oferecer algo, encontra-se a prática de penitências e martírios, o sacrifício em vida que contribui para a purificação do corpo e da alma e, conseqüentemente, como ocorre em alguns casos, o sacrifício em favor de uma causa divina ou para atestar uma vida conforme os parâmetros religiosos. É comum, nos casos de martírio, os atos de fé, em confronto com o mundano, culminar com a morte do indivíduo. O uso do corpo do morto ou partes dele como relíquias tem sido um costume da Igreja Católica, ao longo dos séculos. A justificativa reside na ideia de que o corpo estava imbuído de poder

divino, denotando a santificação do indivíduo, pois o poder de Deus o tocou, então o corpo está apto a tornar-se uma relíquia.

Dado o exposto, é possível exemplificar modos de sacrifícios presentes em diferentes religiões. Seja pela ação de se oferecer algo a alguma divindade, ou pela omissão. As oferendas de alimentos, as ofertas em dinheiro ou orações, a privação de determinados alimentos ou a privação total de algo são meios pelos quais os indivíduos se sacrificam a fim de obter retribuição por parte das entidades, espíritos e divindades. Tudo feito a partir da benção religiosa.

3. As tecnologias digitais e o novo ambiente religioso

As tecnologias digitais se apresentam como elemento inovador em todos os setores da sociedade, ganhando espaço entre, inclusive, nos espaços mais tradicionais. Ao passo que as tecnologias ganham as cenas cotidianas, os rituais agregam ao seu escopo parte dessa nova forma de se relacionar, transformando-se e adaptando-se para ocupar um mundo que assume outra dimensão, a virtual. Diversas práticas que, anteriormente, só eram possíveis pensar serem realizadas presencialmente, como o Passe Espírita; a benção do padre, na igreja católica; ou limpezas energéticas, passaram a ser feitas virtualmente.

Plataformas de *streaming*, como o *YouTube*, conectam pessoas de diferentes localidades. Nesse sentido, pode-se encontrar páginas web criadas com a finalidade de transmitir missas em horários específicos, ou para a realização de trabalhos espirituais. Como descrito por Mocellim (2007), a internet constrói um espaço desterritorializado, permitindo a comunicação de indivíduos

de santo, o Bori constitui o primeiro ato da iniciação de um adepto da religião.

distantes entre si, e, similarmente, construindo novas maneiras de sociabilidade.

Como expõe Miklos (2010), a relação entre religião e mídia avolumou-se em razão do modelo de crescimento capitalista. Assim, muitas religiões passaram a utilizar os meios eletrônicos de comunicação, dentre os quais, programas de rádio, jornais e revistas são os mais comuns. A partir do início da década de 1980, as “igrejas eletrônicas” criadas nos Estados Unidos, emergiram no Brasil. Desse modo, hodiernamente, programas televisivos de evangelização e transmissão ao vivo de cultos religiosos, tanto via televisão, como on-line através da internet entram nas casas de milhões de pessoas.

Analogamente, Rivero e Martins (2019) expõem que a relação entre religião e mídias não resulta na criação de uma nova religião, mas na alteração do modo de se praticar. Consoante a Miklos (2010), surge a ciber-religião, um espaço virtual em que comunidades religiosas interagem e realizam seus rituais.

A título de exemplo, o Vaticano possui um canal no *YouTube*, onde são publicados, diariamente, vídeos relacionados às atividades realizadas na cidade-estado, bem como do próprio Papa (MIKLOS, 2010), à vista disso, percebe-se a finalidade moral cujo objeto é criar um sentimento de amizade e vínculo entre as duas pessoas envolvidas (MAUSS, 2003). Além disso, gera-se, também, lucro e trocas a partir das redes sociais. Em mídias sociais, como o X e o Instagram, pode-se encontrar pessoas realizando “trabalhos” e terapias espirituais a distância, cobrando valores fixos a depender do serviço. Assim, tarólogas e “ciganas de fé” atendem pessoas em qualquer lugar do mundo.

Salientamos que a realização de atividades mágico-religiosas e espirituais à distância não é algo novo em si. Relatos de atividades de cura realizadas sem a presença da pessoa enferma são bastantes comuns na literatura religiosa de diversas áreas do conhecimento. Pereira e Paulino (2021) relatam o caso de Dona Rosa, uma senhora rezadeira, em situação de trânsito religioso, residente no interior do Ceará, que realiza a “cura pelo nome”, atividade que consiste na realização de orações específicas com a finalidade de debelar os males físicos e espirituais de uma pessoa.

O caso apresentado pelos autores contribui para a constituição da hipótese de que, para parte dos religiosos, a inclusão dos meios digitais na religião, bem como sua realização remota, não representa transformações tão inusitadas.

Por conseguinte, o mundo virtual pode ser entendido como parte da vida física no âmbito das religiões, neste espaço os dados podem ser monetizados e se converterem em sacrifício, doação, dádiva. Nessa lógica, o sujeito doa seu tempo, investe seu dinheiro e apoio às atividades esperando receber em as bênçãos.

Considerações finais

A teoria de Mauss oferece uma lente valiosa para analisar as dinâmicas sociais e religiosas, especialmente no que diz respeito a bênção e sacrifício. Ao longo desta pesquisa, evidenciamos como as teorias de Mauss oferecem uma base teórica sólida para compreender a interconexão entre o dar, receber e retribuir nas expressões religiosas contemporâneas. A ideia de que as dádivas e sacrifícios não são apenas transações materiais, elas se constituem de maneira simbólica dando sentido e

significado aos elementos materiais dados ou ofertados, contudo, seu valor reside, em maior grau, nos significados agregados. Desta forma, Mauss, a partir do estudo das teorias de dádiva e sacrifício, nos proporcionar uma reflexão sobre como as noções de benção e sacrifício estão alinhadas de modo significativo nos fenômenos religiosos atuais.

As análises apresentadas no decorrer do texto sugerem que as noções de benção e sacrifício continuam desempenhando papéis fundamentais nas práticas religiosas da contemporaneidade, adaptando-se às complexidades e dinâmicas sociais contemporâneas. A compreensão das interações entre indivíduos, comunidades e divindades no contexto religioso contemporâneo pode ser enriquecida ao considerarmos as contribuições de Mauss.

No estudo, percebemos a importância de reconhecer a diversidade de manifestações religiosas e a variabilidade das interpretações das noções de benção e sacrifício em diferentes contextos culturais. Nesta perspectiva, a abordagem contextualizada permite uma análise mais precisa e sensível das práticas religiosas, considerando as particularidades de cada comunidade.

Ao entender esses fenômenos como expressões de reciprocidade, podemos ganhar *insights* mais profundos sobre a natureza das práticas religiosas na contemporaneidade e seu papel na construção de comunidades e identidades. Assim, este texto se apresenta como um convite à reflexão sobre a relevância contínua da teoria de Mauss na compreensão da religião em um mundo em constante mudança.

Referências

- AGNOLIN, Adone. Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá. **Revista de Antropologia**, v. 45, p. 131-185, 2002.
- DA SILVA, Drance Elias. O dinheiro como dádiva e mediação na relação com o sagrado. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 10, p. 211-232, 2004.
- DIAS, João Ferreira. A vida que sustenta a vida: o sacrifício e a alimentação no Candomblé. In: Ajuda em Diálogo II., 2019, Lisboa. **Anais eletrônicos** [...]. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39045136/A_vida_que_sustenta_a_vida_o_sacrif%C3%ADcio_e_a_alimenta%C3%A7%C3%A3o_no_Candombl%C3%A9. Acesso em: 18 dez. 2023.
- DIAS, Júlio César Tavares. Doce de Cosme e Damião: considerações sobre um caso de sincretismo. **Revista Diálogos**, n. 11, p. 21-40, abr./maio, 2014.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FLORESTAN, Fernandes. **A função social da guerra na sociedade tupinambá**. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- GABATZ, Celso. A Importância do Dinheiro no Neopentecostalismo: o caso da Igreja Internacional da Graça de Deus. **Protestantismo em Revista**, v. 28, p. 120-130, 2012.
- GONZÁLEZ, Uma Ananda Dagnino. **Trance, devoción y silencio en la danza Odissi de la India**. Director de la Tesis Doctoral: Dr. Carlos Roldán López. 2017. 504 f. Tesis Doctoral - Departamento de Ciencias de la Educación, Lenguaje, Cultura y Artes, Ciencias Histórico-Jurídicas y Humanísticas y Lenguas Modernas. Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, Universidad Rey Juan Carlos, Madrid, 2017.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- LANNA, Marcos. Notas sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 14, p. 173-194, jun. 2000.
- LICHTBLAU, Klaus. A economia da dádiva. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 49, 2017.
- MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação.

Revista crítica de ciências sociais, n. 73, p. 45-66, 2005.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2010.

MOCELLIM, Alan. Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 3, n 2 (2), p.100-121, 2007.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes; PAULINO, Antonio George Lopes. Trânsito Religioso: estudo de uma trajetória entre umbanda e catolicismo. In: PAULINO, Antonio George Lopes (Org.). **Religiões, espaço público, tensões e conflitos em um cenário plural**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021. p. 51-64.

RAMOS, Diógenes Braga. **Uma leitura etnográfica dos muçulmanos da mesquita Luz da Fé em Campo Grande: Desafios para vivenciar o Ramadan**. Orientador: Asher Grochowalski Brum Pereira. 2021. 82f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campina Grande-MS, 2021.

RIVERO, Thaís; MARTINS, Allysson. O YouTube é Meu Pastor e Ele Postará: Evangelização nos Canais Brasileiros Fafismelo e Fabibertotti. **Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Belém, 2019.

ROCHA, Agenor Miranda. **As nações Kêtu: origens, ritos e crenças: os candomblés antigos do Rio de Janeiro**. Mauad Editora Ltda, 2000.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, p. 131-138, 2008.

TENREIRO-BERMÚDEZ, Marcial; MOYA-MALENO, Pedro. Sacrifício, circunvalação e ordálio na Hispânia céltica: uma aproximação em *longue durée* à ritualidade do espaço e o tempo. **Tempo**, v. 24, p. 652-686, 2018.

VELIQ, Fabiano. Uma Análise Bíblica Da Questão Do Dizimo E A Sua Apropriação Pelas Igrejas Neopentecostais. **Protestantismo em Revista**, v. 45, n. 1, p. 228-235, 2019.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**/ Max Weber; trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. De Gabriel Cohn, 4ª ed. 4ª reimpressão -Brasília: Editora Universidade de Brasília, v.1, 2015.

Recebido em 2024-03-22

Publicado em 2024-10-04